

## DISPOSITIVO DE FORMAÇÃO: VIVÊNCIAS NO ESPAÇO GRUPAL

*Training device: experiences in group*

**Valeska Fortes de Oliveira**  
*guiza@terra.com.br*

**Bruna de Almeida Flores**  
*brunaflores@hotmail.com*

**Ionice da Silva Debus**  
*nicedebus@hotmail.com*

**Marília Hartmann**  
*mariliahbr@yahoo.com.br*

**Monique da Silva**  
*mukynha@hotmail.com*

Apoio financeiro: CNPq e FAPERGS

### Resumo Abstract

Este trabalho é parte de um projeto de pesquisa desenvolvido a partir de 2007, em uma universidade federal do sul do País. A referida pesquisa almeja conhecer as possibilidades de pensar o grupo como um dispositivo de formação, sendo sua metodologia de abordagem qualitativa, com duas dimensões concomitantes, uma bibliográfica, baseada nos temas imaginário social, psicologia grupal e história de vida, e outra empírica, com entrevistas e produção de narrativas dos participantes. Na análise dos dados, trabalhamos com a abordagem hermenêutica, buscando conhecer os sentidos e os significados produzidos através dos conteúdos manifestos. Em nossos resultados, foram encontradas, com regularidade nos relatos, representações sobre o grupo

This paper is part of a research project developed since 2007 in a federal university in the south of Brazil. This research aimed to know the possibilities of viewing the group as a training device through a qualitative approach, with two concomitant dimensions - a bibliographic one, based on imaginary social issues, group psychology and life history, and an empirical one, with interviews and narrative accounts of the participants. For the data analysis, our work was based on the hermeneutic approach, seeking to understand the senses and meanings produced by the manifest contents. In our results, we regularly found representations of the group as a

como um espaço de diversidade. As aprendizagens construídas e as vivências que este espaço coletivo pode proporcionar também foram uma das categorias criadas a partir das narrativas. Assim, percebemos a importância do grupo como um dispositivo na formação de professores, sendo um território que possibilita a experiência mobilizadora de saberes, de representações e de outras formas de pensar a formação no espaço da universidade e em outros espaços educativos.

diversity space in the accounts. The knowledge that is built and the experiences that this collective space can provide were also one of the categories created from the narratives. Thus, we realize the importance of the group as a device for teachers' training, being it a territory that enables the stirring experience of knowledge, representations and other ways of viewing training in the university and in other educational spaces.

**Palavras-chave:** dispositivo grupal; história de vida; formação docente.

**Key words:** group device; life history; teacher training.

## Introdução

Ao longo dos últimos anos, temos realizado estudos sobre formação de professores, psicologia grupal, dispositivos de formação, história de vida e imaginário. Tais estudos constituem o aporte teórico da pesquisa que aqui será apresentada, pois, por meio deles, começamos a nos questionar se um grupo de estudos e pesquisas pode ser pensado como um dispositivo de formação.

A partir da observação do grupo que temos como objeto de pesquisa, percebemos que os participantes, ao longo da sua formação profissional, geralmente o apontavam como um território possibilitador de vivências e aprendizagens significativas. Diante desta constatação, elaboramos este projeto de pesquisa com o objetivo de conhecer a possibilidade de pensar o grupo como um dispositivo de formação; e conhecer e ampliar os referenciais de estudos e investigação sobre a formação docente na perspectiva do grupo, cotejando a experiência realizada.

Procuramos, ainda, analisar os saberes e as representações construídas pelas pessoas que compartilham a experiência da produção coletiva em um grupo de estudos e pesquisas, buscando compreender os movimentos de produção de sentidos latentes e manifestos (sociais e individuais) no grupo; reconstruir a história de vida do grupo por meio das narrativas das pessoas que participaram e ainda participam deste, trabalhando com suas memórias, ou seja, com suas próprias histórias de vida, construídas no/com o grupo por vivências, bem como procuramos contribuir para a teorização do campo da formação de professores.

Consideramos necessário esclarecer os conceitos de grupo e dispositivo, pois estes nos acompanharão ao longo da pesquisa. Entendemos que *grupos* se constituem por pessoas que compartilham um objetivo comum e, por isso, estão ligadas entre si. Além deste objetivo coletivo, cada indivíduo possui suas significações particulares, fato que alimenta a dinâmica grupal. Fundamentando esta definição de grupo, trazemos Pichon-Rivière, que caracteriza um grupo como:

Um conjunto de pessoas que, ligadas por constantes de tempo e espaço e articuladas por sua mutua representação interna, se propõe de forma explícita e implí-

cita a uma tarefa, que constitui sua finalidade, interagindo através de complexos mecanismos de assunção e atribuição de papéis. (PICHON-RIVIÈRE apud GAYOTTO, 2001, p. 29)

O *dispositivo grupal* pode ser entendido como uma ferramenta, algo que se cria pela necessidade dos indivíduos, a partir das significações que estão em nível consciente e também inconsciente dos participantes do grupo. Segundo Souto (2007) dispositivo é “un espacio estratégico y táctico que es revelador de significados, analizador de situaciones, provocador de aprendizajes y nuevas formas de relación y organizador de transformaciones”.

Concomitantemente, é significativo ressaltar a importância da memória, que utilizaremos nesta pesquisa, pela exploração dos relatos de história de vida grupal. Deste modo, consideramos o trabalho com a memória uma forma de reconstruir experiências vividas. Assim, ressaltamos que

Ao reconhecer a potência desta matriz – a memória – que reconstrói os saberes nas diferentes fontes onde foram gerados, temos uma ampliação do conceito de formação, remetendo-a a instâncias que transcendem a preparação profissional e a prolongam no tempo. (OLIVEIRA, 2008, p. 687)

Entretanto, podemos perceber o importante papel da memória na reconstrução das histórias de vida dos participantes do grupo, que é visto como parte integrante da formação do sujeito, paralelamente ao curso de formação de professores.

Em seguida apresentaremos a metodologia desta pesquisa, e os resultados oriundos do entrelaçamento entre as falas dos participantes do grupo e a pesquisa bibliográfica.

Quando surgiu a ideia deste estudo, tivemos muita cautela em pensar como desenvolvê-lo. Entendemos que a metodologia define os rumos e a qualidade da pesquisa, desde a escolha das obras até os variados momentos da coleta de dados, ainda que esta pesquisa seja significativa tanto para os pesquisadores quanto para os sujeitos participantes. Minayo (2007, p. 14-15) traz por conceito de metodologia de pesquisa o seguinte:

Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Ou seja, a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade). A metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está referida a elas. Dizia Lenin (1965) que ‘o método é a alma da teoria’. (p. 148)

A metodologia que por ora utilizamos consiste em “muito mais que técnicas. Inclui as concepções teóricas da abordagem, articulando-se com a teoria, com a realidade empírica e com os pensamentos sobre a realidade” (MINAYO, 2007, p. 15), pois, acreditando na importância do diálogo entre a pesquisa bibliográfica e a empírica, construímos o método por caminhos paralelos e complementares, a fim de que esta pesquisa não se tornasse “Nem um empirismo desconexo, nem uma racionalidade no vazio.” (BACHELARD 1977 apud MARQUES 2008, p. 103).

Inicialmente, a fim de aprofundar nossos conhecimentos acerca dos temas envolvidos na pesquisa, realizamos estudos bibliográficos nas temáticas de grupos, na perspectiva de Marta Souto, Luiz

Carlos Osório, Áurea Castilho e Pichon Rivière; Imaginário Social, utilizando Cornelius Castoriadis, Nilda Teves e Juremir Machado da Silva, bem como a formação de professores, memória e trajetória, a partir de Gilles Ferry e Maria Isabel da Cunha. Seguimos com a atividade de leitura e discussão de bibliografias, pois acreditamos na necessidade contínua de buscar novas fontes e aprendizagens.

Concomitantemente aos estudos bibliográficos, iniciamos a coleta de dados pela análise das dissertações de Mestrado dos participantes do grupo, a fim de procurar e destacar referências feitas à equipe. Assim, percebemos que o grupo era citado na maioria delas como um lugar de extrema importância para os sujeitos da pesquisa, ao longo da sua formação tanto profissional quanto pessoal.

Continuando a busca por dados, enviamos ao e-mail coletivo do grupo fotos de diferentes épocas, para que os participantes pudessem narrar suas impressões, sensações e representações que lhes surgem na memória, revisitando esses momentos. Compartilhamos com Bosi, quando esta diz que:

As lembranças grupais se apóiam umas nas outras, formando um sistema que subsiste enquanto puder sobreviver a memória grupal. Se, por acaso, esquecemos, não basta que os outros testemunhem o que vivemos. É preciso mais: é preciso estar sempre confrontando, comunicando e recebendo impressões para que nossas lembranças ganhem consistência. (BOSI, 1994, p.414)

Também utilizamos na coleta de dados o símbolo do grupo - o olho - o qual enviamos para todos, para que pudessem discorrer sobre o seu significado. Cada um atribuiu um significado diferente, mesmo sendo o mesmo símbolo, pois percebemos de maneiras distintas, conforme nossas representações.

Em busca das significações do que o grupo de pesquisa é para seus participantes, realizamos entrevistas orais, semiestruturadas com participantes de diferentes épocas do grupo, as quais foram transcritas, submetidas à aprovação dos sujeitos e analisadas. As entrevistas eram compostas por questões que abordavam a breve descrição da trajetória do sujeito no grupo, as aprendizagens que este espaço possibilitou obter e a caracterização do grupo.

Definimos o método de análise dos dados das entrevistas por abordagem hermenêutica, buscando estabelecer uma aproximação entre os sentidos e os significados relatados nas falas dos participantes.

Dando continuidade à coleta de dados, surgiu a ideia de reconstruir a história de vida do grupo, por este existir há algum tempo, a fim de sistematizar sua trajetória. Buscamos realizar este trabalho partindo de uma narrativa construída com base no material coletado até o momento, que foi enviado aos participantes, para que cada um pudesse contribuir de acordo com suas lembranças e vivências dentro do grupo.

Nossa pesquisa encontra-se em andamento, mas alguns resultados preliminares já surgem. No caso específico do estudo que estamos realizando sobre grupos, o espaço grupal tem sido um lugar de formação para os seus participantes, sendo esta significativa para os sujeitos devido às (re)significações e (re)construções de conceitos e sentidos proporcionadas ao grupo, durante a participação ativa de todos neste espaço, paralelamente à realização de seus cursos de Graduação, Mestrado e Doutorado.

Mesmo que a noção de grupo se modifique entre os participantes de diferentes épocas, a percepção que conseguimos ter sobre esse lugar de formação aborda diferentes sentidos e significados, tanto individuais quanto coletivos. A noção de grupo se modifica. Disse Anzieu (1978) que o grupo “es una puesta em común de las imágenes interiores y de las angustias de los participantes” (p. 131), “lugar de formentación de imágenes.” (p. 131).

Compartilhando com Souto et al. (1999, p. 155), “Em toda situación de grupo hay una representación imaginaria subyacente”, común a la mayoría de los miembros del grupo”. Estas representações subjacentes são nosso foco de investigação, a partir da complexidade do que seja um conjunto de pessoas que tem uma atividade mental comum, que pode se configurar num “grupo de trabalho” ou assumir outro tipo de desenho e característica. Nosso interesse se constrói desde as emoções, das imagens, dos desejos que possam explicar o grupo e o dispositivo grupal, entendendo este último como “espacios tácticos que generan efectos en el grupo”. Un grupo inventa sus formaciones, es decir inventa las formas o figuras de sus significaciones imaginarias.” (SOUTO et al, 1999, p. 142).

No processo de investigação dos trajetos coletivos e individuais dos sujeitos no grupo, buscamos conhecer os sentidos e significados que definem esse espaço como formativo, bem como as aprendizagens nele construídas. Os sujeitos integrantes de um grupo durante seus processos formativos, segundo Cunha (2008, p. 185):

Desse processo se beneficiam, incorporam as experiências na sua biografia. Portanto faz, também, parte do lugar. Reconhece e valoriza o lugar. Atribui sentidos ao que viveu naquele lugar e passa a percebê-lo como o seu lugar, mesmo quando lá já não habita.

Pudemos perceber os significados da experiência produzida no espaço grupal como destaque e, por isso, registrada em projetos e dissertações de Mestrado. Uma das fontes utilizadas na pesquisa empírica desta investigação traz escritas autobiográficas, que descrevem um pouco sobre esse espaço/lugar.

138

Acredito que essa trajetória no grupo, as atividades complementares, os espaços de estudo e de debate referentes à formação de professores, ao imaginário social, à memória docente e às Histórias de Vida, bem como a inserção no cotidiano escolar, contribuíram para a confiança e o empenho na realização de um trabalho pedagógico comprometido e na escolha da pesquisa que fiz para o Mestrado. As oportunidades e a inserção nas atividades desenvolvidas pelo grupo possibilitaram, além de uma formação profissional, espaços de convívio que ultrapassam o espaço da universidade, como as festas, tanto em comemoração aos aniversários, aos casamentos, ao início e encerramento das atividades do ano, quanto de integração com os colegas do grupo, que estão em outras cidades e de rememoração da trajetória do Grupo. (Professora N)

Mesmo não tendo sido aprovada na seleção para o Mestrado em Educação em 2002 (...), começo a integrar também, a partir de 2003, um grupo de pesquisa. (...) Minha inserção nos grupos de pesquisa acima citados tem sido fundamental para que eu possa continuar me formando pessoal e profissionalmente. Por meio desses grupos posso “alimentar” minha fome e sede de conhecer, com um saber especial, construído saborosamente. (Professora J)

Nos dois relatos, extraídos de projetos e de dissertações de Mestrado, realizados por professoras participantes do grupo, o registro dos sentidos e significados construídos sobre esse espaço mostra que este pode se configurar como um lugar de formação docente. Especialmente por se tratar de um grupo que transita e experimenta a dimensão simbólica da educação, por meio dos estudos e debates sobre a dimensão imaginária. É um conhecimento erótico, fusional, uma sociologia acariciante (MAFFE SOLI,

1998), no sentido de perceber o que tem de fantástico e surpreendente, o que tem de banal e fútil nas pessoas. De capturar o que (des)motiva, (e)motiva, (des)mobiliza e o que (des)anima o grupo a estar junto na produção coletiva.

É na convivência, no estar junto, na relação com o outro, nas reuniões, nos encontros, nos agrupamentos, na efervescência festiva, ou seja, no momento passado com os outros, que se estabelecem os vínculos, um pertencer múltiplo. Trata-se de um processo de identificação viabilizado por outra lógica do estar junto, onde atração, agregação, pertença, partilha, socialização, vínculo, aliança, ligação ao outro, corpo coletivo são palavras-chave.

Quando foram enviadas as fotos de diferentes épocas, aparece uma das características marcantes do grupo – o grupo além da tarefa – em que as atividades vão além do simples fazer acadêmico e nascem fortes laços de amizade e muitas outras aprendizagens, como aparece nas escritas:

Esta foto foi de um encontro, um almoço coletivo muito legal, me parece que foi a Andréia que organizou, só lembro que ela não deixou a Josi colocar batatas na sopa de Anholini. Um encontro de construção de saberes pessoais inesquecível. (Professor V)

Esta foi da defesa da Josi, espero que ela esteja bem, sinto saudades dos momentos que passamos juntos (...), lembro das brincadeiras informais, das escritas coletivas, dos chilikos quando ela ficava brava, e eu a irritava pra vê-la mais brava ainda; do chimarrão que fazíamos. Dos resumos e artigos para os eventos, muitos momentos passamos juntos. (Professor V)

No espaço acadêmico, temos gestado concepções e também temos sido atravessados por demandas externas, muitas vezes, perversas. Quando utilizamos a expressão perversa para expressar um sentimento, nos referimos ao que vem incluído nessas demandas: a instituição, na cultura acadêmica, da competitividade interna e de afastamento das pessoas que passam, muitas vezes, a se perceberem heterônomas (CASTORIADIS, 1982), regidas por uma lógica que não lhes pertence e com a qual nem mesmo concordam.

Corremos numa velocidade sem medida, para alimentar uma produção, uma instituição, que se afasta de uma cultura colaborativa e qualitativamente melhorada, na qual o que está em jogo são números de participações, número de apresentações, número de artigos escritos e nem sempre a relevância do que escrevemos. Números que alimentam relatórios, números pelos quais somos avaliados como produtivos, pouco produtivos ou mesmo improdutivos.

A formação inicial e continuada de professores, e as aprendizagens que podem ser acionadas neste tempo / espaço / lugar da universidade têm sido pensadas para além da sala de aula e da matriz curricular de uma instituição acadêmica. Tentando refletir sobre qual seria um projeto formativo que desse conta da complexidade e dos desafios do nosso tempo, os debates institucionais também caminham para a proposição de “atividades formativas”, pensando-as para além das diferentes disciplinas que compõem um currículo de formação de professores. A construção de outros sentidos para um espaço/ tempo de “experimentação de si” nos faz pensar em outra proposição, no âmbito da linguagem, pois, como nos mostra (CASTORIADIS 1982, p. 391), “a permeabilidade indeterminada e indefinida entre os mundos de representações dos indivíduos e os significados linguísticos são condições de existência, de funcionamento e de alteração tanto para uns como para outros.”

Quando cada participante foi desafiado a escrever suas impressões sobre o significado do símbolo do grupo – o olho – apareceu outra característica marcante, ou seja, a grande diversidade de ideias e de maneiras de sentir, como explicitam os depoimentos:

Eu teria que ver com o olho do grupo. Talvez esse fosse um tempo em que eu queria/teria que me ver diferente para ver diferente. E, se todos lá viam imagens nas leituras, eu também veria; a direção do olhar do grupo me mostraria por meio de dicas como eu poderia descobri-las. (Participante T)

Eu vi através do olho do grupo. Senti que o grupo também olhava pelo meu caminho e eu poderia ver longe, ver o futuro. Não desvendá-lo talvez, mas ver longe, permitir-me ver longe, como por uma luneta, ver objetivos, mesmo que o caminho se descobrisse ao percorrê-lo. (Participante T)

Ao olhar para o olho, ficou um pouco estranho, tenho a impressão de que é alguém que quer perceber algo, ou seja, que “está de olho”. Olho no quê? Olho no fazer professoral, olho na vida, olho no prazer, olho no mundo. Ou seja, alguém que busca conhecer algo através de um novo olhar, de novos óculos, de um novo prisma, de uma nova perspectiva. (Participante V)

As significações imaginárias que cada pessoa havia construído da experiência vivida num grupo de pesquisa, foram reconstruídas, dando visibilidade não somente às representações, como também às mudanças e aos deslocamentos de sentidos, em práticas e comportamentos individuais e sociais. As significações falam de cada pessoa, mas também do seu tempo (nas dimensões do instituído e instituinte).

Não é nosso desejo, nesses espaços de experimentações, buscar nos “recônditos” mais obscuros de memória “essencialismos”, “marcas fixas”, experiências modelares idealizadas, mas o movimento que reconstrói e desmitifica, que aciona a criatividade, o autoconhecimento e a autodeterminação, ingredientes de imaginários radicais, capazes de propor outras formas de vida, de relações consigo / com os outros / com o tempo presente.

O processo de experimentação das pessoas no grupo traz, além de um “agrupamento temático”, a dimensão criadora, constitutiva e fundamental do imaginário como potência, como reservatório e motor (DURAND, 1997), como fonte propositiva de outras formas de vida, de comportamento, de relacionamento consigo, como os outros e com o ambiente. Podemos pensar no espaço grupal como um lugar aprendente.

Shaller (2008, p. 69), no texto ‘Lugares aprendentes e inteligência coletiva’, pergunta: “Como um lugar pode ser um espaço onde a gente se constitui, um ‘lugar aprendente?’”. Responde que “um lugar, através da atualização das redes de atores que o atravessam, é aprendente porque permite deixar marcas do conjunto das relações, das ligações, das associações entre os atores.”

O grupo pensado como um lugar “não é mais dado a priori, como uma ‘matéria-prima’, ele é uma realização, uma produção, uma criação coletiva, um projeto comum, fundador de laço social e ‘recriador de um imaginário social’.” (SCHALLER 2008, p. 70).

Essas aprendizagens que se dão no grupo, por meio dos outros, mas que operam em nós, pessoas com histórias, trajetórias de vida distintos, e que se encontram num espaço/lugar, partilhando não somente questões acadêmicas, exigem de nós o desejo do diferente, não como uma atitude ingênua, que

desconsidera as redes de poder que circulam, ao contrário, nos movimentam nesse processo de experimentação de si. Aqui se inscreve o acréscimo que fazemos com a questão do dispositivo na formação docente. O dispositivo passa a ser entendido como qualquer lugar no qual se constitui ou se transforma a experiência de si, um movimento onde o sujeito está implicado. Implica consigo, implicando-se a partir dos outros e implicando com os outros.

O diferencial que encontramos no acréscimo da questão do dispositivo está na inscrição da pessoa no lugar formativo como alguém que se coloca, se experimenta, não participa passivamente, ouvindo teorizações sobre experiências produzidas por outros, mas (re)visita seus repertórios formativos, problematizando-os também na escuta do outro.

Acrescentamos também a questão do diferencial apresentado no dispositivo, quando se inscreve no espaço/lugar do grupo a pesquisa-formação-autoformação, produzindo nas pessoas processos que movimentam com “potencialidades inesperadas” (JOSSO, 2008).

A reflexão biográfica permite, portanto, explorar em cada um de nós as emergências que nos dão acesso ao processo de descoberta e de busca ativa da realização do ser humano, em potencialidades inesperadas. Para isso, devemos ser capazes de imaginar e de acreditar na possibilidade de poder, de querer e ter, para desenvolver ou para adquirir, os saber-fazer, saber-pensar, saber-escutar, saber-nomear, saber-imaginar, saber-avaliar, saber-perseverar, saber-amar, saber-projetar, saber-desejar, etc., que são necessários às mudanças, ao desconhecido que vem ao nosso encontro assim que abandonamos o programa familiar, social e cultural previsto para a nossa história. (p.18)

É o projeto/processo de formação, operando no seu mais amplo sentido, em que o sujeito precisa colocar-se como mais ou menos ativo de sua vida, na sua vida, mesmo que saibamos que as mudanças estão longe de passar, unicamente, pelas escolhas voluntárias e/ou lógicas. (JOSSO, 2008). Uma relação da palavra formação com o tempo. Um tempo que, para os estudos e pesquisas que nosso grupo tem realizado, encontra seu lugar, seu território, na memória. Formação que extrapola o tempo presente, já tendo sido experienciada no passado e, por meio do trabalho da memória, é reconstruída, inventada, ficcionada, esquecida.

O que está colocado neste trabalho biográfico sobre as narrativas de vida, nesse conhecimento de si, não está limitado à compreensão de como nos formamos e nos transformamos nos nossos trajetos de vida, pois, conforme (JOSSO, 2008):

Através de um conjunto de vividos transformados em experiências, mas também tomar consciência de que esse reconhecimento de nós mesmos como sujeitos encarnados, mais ou menos ativos ou passivos, segundo as circunstâncias, permite doravante visualizar nosso itinerário de vida, nossos investimentos e nossos objetivos, com base na auto-orientação possível, numa invenção de si, que articula mais conscientemente nossas heranças, nossas experiências formadoras, nossas pertencas, nossas valorizações, nossos desejos e nosso imaginário às oportunidades socioculturais que saberemos apreender, criar e explorar, para que advenha um si que aprende a identificar e a combinar obrigações e margens de liberdade. Transformar nossa vida, socioculturalmente programada, em uma obra inédita a ser construída. (p. 21)

Como se apresenta na pesquisa em curso a questão do grupo como lugar e dispositivo de formação?

O território simbólico é também o “lócus” da imaginação criadora (CASTORIADIS, 1982). É nele que exercitamos linguagens, ideias, concepções do ponto de vista do que temos instituído e, principalmente, no qual a fabricação de concepções instituintes sirva como dispositivos para a experiência de si e, também, para a proposição que fazemos aos outros, entendidos como as pessoas e as instituições que têm nos convidado para a produção de vivências, na perspectiva da formação continuada.

A construção do imaginário grupal passa por essas experimentações nas quais as pessoas se implicam, tentando produzir nos outros algumas experiências. É um espaço/tempo de formação coletiva e autoformação singularizada em cada vida. A perspectiva que se coloca neste estar junto grupal é de que a gente se conheça a partir “de como a gente se torna o que a gente é”.

Considerando este fato, é importante ressaltar que o grupo que estudamos é composto por profissionais em diferentes níveis de graduação e de diversas áreas do conhecimento. Sendo assim, o grupo discute acerca de temas voltados à educação, mas com diferentes olhares. Podemos perceber na fala da entrevistada “R”, a diversidade do grupo.

Este grupo não é um grupo fechado, ele é multirreferencial. Assim como o Imaginário, ele agrega pessoas de todas as áreas do conhecimento, ele reúne ideias, criatividade, dedicação, comprometimento, reúne gente como a gente, independente de ser doutor, mestre, acadêmico.

Esta diversidade foi mencionada na maioria das entrevistas que realizamos, como uma característica positiva do grupo, pois é possível, por meio desta diversidade, a troca de saberes, o intercâmbio de ideias, pensamentos, aprendizagens e vivências que este espaço coletivo pode proporcionar. Podemos perceber quando a entrevistada “V” diz que:

Do convívio com pessoas de diferentes áreas, eu acho que isso, assim, me enriquece, constrói a minha identidade como sou hoje, de ter estes múltiplos olhares. Eu digo isso porque têm áreas do teatro, áreas da nutrição, de educação física, e quando a gente está discutindo alguma questão assim, tu vê a ideia do outro, puxando pra área dele, e tu pega aquilo pra ti como, ‘bah’, de repente te faz repensar várias coisas dentro da sua área.

Desta forma, também podemos notar as significativas aprendizagens que ocorrem dentro do grupo e que contribuem na formação dos integrantes, tanto pessoal como profissional, pois é possível que dentro deste espaço grupal os sujeitos (res)signifiquem saberes e (re)construam ideias. A entrevistada “A” traz isso em sua fala.

Então isso é bem legal, eu acho que várias ações que foram acontecendo neste tempo me constituíram hoje a pessoa, a pesquisadora, a profissional que eu sou. E o grupo constitui uma grande importância em minha vida.

Também foi possível perceber que, por meio de uma trama de significados e opiniões, se constitui um olhar grupal, uma visão homogênea. Os participantes do grupo destacaram ainda que, apesar dessa homogeneidade, cada um se identifica no grupo, pois este não extingue o eu de cada um de seus participantes ou impõe ideias, mas aproveita o que cada um deles traz de conhecimentos e saberes para formar o saber grupal.

Então posso dizer que hoje percebo a minha identidade e a minha trajetória se misturando com a identidade e a trajetória do grupo. Sou e faço parte deste grupo, que a cada dia me permite aprender coisas novas e a me tornar uma professora com múltiplos olhares, e é nesta vivência e convivência com o diferente que construo minha identidade. (Entrevistada “V”)

Deste convívio e interação entre os participantes do grupo, surgem questões que vão além da ordem teórica, nas quais são construídos laços afetivos entre os membros. Tal fato também surge como um importante resultado na investigação, pois participar de um grupo torna-se uma possibilidade de derrubar o individualismo instituído na academia. O entrevistado “D” traz isso em uma de suas falas.

Mas no grupo, que é um grupo de pesquisa, esse é um elemento muito legal de se notar. Porque significa que se levou a amizade para lá, pois ela não é algo que se cobra de um grupo, entendem? Podem olhar no lattes, no data-capes, não tem campo onde se possa pontuar uma coisa assim.

A partir dessas características, pudemos perceber que a construção do imaginário grupal passa por muitas experimentações onde as pessoas se implicam, tentando produzir nos outros algumas experiências. É um espaço/tempo de formação coletiva e autoformação singularizada em cada vida. A perspectiva que se coloca neste estar junto grupal é de que a gente se conheça a partir “de como a gente se torna o que a gente é”.

Ainda, no que se refere aos resultados de nossa pesquisa, foi possível perceber que ocorreram mudanças no grupo durante seus tantos anos de existência, mas que, apesar desse tempo, o grupo possui características que perduraram desde o começo e que se caracterizam como marcas fortes, construídas pelos seus participantes, pela coordenação, a qual reflete no todo o modo como desempenha seu papel. E dessa forma, o grupo se constitui de elementos, como traz a entrevistada “R”.

Marcas, símbolos, sinais que foram modificando ao longo das gerações do grupo e que eu venho participando. Sinto-me privilegiada em estar participando disso tudo. (...) E tu vais caracterizando, e vai (re)significando a história da gente e do grupo como pessoas que se unem, se afastam, mas cada um tem sua história e seu lugar no grupo, deixa marcas, deixa um pouco deles e levam um pouco de nós onde quer que estejam. Eu sinto isso!

Assim, foi possível visualizar características próprias deste grupo de pesquisa, que passam a ser significativas para seus participantes, pois contribuem para a formação como um todo, não apenas como profissional da educação, mas como sujeito da sociedade e que traz a sua história de vida consigo para sala de aula. Assim, este espaço vai além do acadêmico, pelas suas trocas de saberes e experiências, se constituindo como um grupo teórico-afetivo.

Apesar desta relação de amizade entre os participantes, muitas vezes, surgem conflitos que atingem todo o grupo, podendo dar origem aos chamados subgrupos. Porém, estes conflitos são vistos como formas de aprendizagem, necessárias para manter o equilíbrio grupal, de acordo com as entrevistada “R” e “A”, respectivamente.

Um encontro de saberes, de sabores. Alguns sabores mais amargos quando discutimos, contrariamos as ideias, brigamos entre nós, quando os egos se encontram e resolvem disputar lugares, poderes, mas isso também é necessário, é salutar, nos faz crescer e admitirmos que não somos donos da verdade, que ali estamos falando de possibilidades. Outros sabores são mais doces, quando falamos dos nossos doces encantos, sonhos, quando conseguimos alcançar nossos objetivos coletivos, quando ganhamos mais uma bolsa de estudo, quando aplaudimos o potencial e as conquistas do outro, quando os projetos desenvolvidos embalam nossas motivações, nos desafia, nos faz crescer. Acredito que temos que saborear o doce e o amargo, para que nosso paladar seja rico em vitórias e realizações. Sabemos que isso depende de cada um de nós, é assim que o coletivo se diferencia, se consolida, se reequilibra.

E eu acho que ali eu consegui me manifestar algumas vezes, e, mesmo que a gente não se manifeste no grande grupo, a gente tem parceiras com as quais podemos falar, falar, falar, desabafar até que estas pessoas nos ajudam a ver as coisas de outra maneira, e ver que, às vezes, não vale a pena mesmo criar este conflito, se expor, vale a pena ficar e fazer. Existem coisas que estão além das nossas, mas eu acho que a gente aprende muito com os conflitos.

De acordo com Souto (1999, p. 42), a formação se desenvolve neste contexto social: “La institución y sus condiciones, el ambiente de la formación y por supuesto el grupo y las relaciones que en él se establecen no son externas sino que pertenecen al adentro de la formación.” Assim, no momento em que possibilita essas relações, o grupo se constitui como um dispositivo de formação de professores.

Realizar esta pesquisa nos proporcionou, além de conhecer a história do grupo, perceber como este implica as trajetórias de formação dos participantes, e visualizar as relações interpessoais que se estabelecem, interligadas às aprendizagens compartilhadas.

Resgatando a história do grupo, por meio da memória de quem por ele passou, reconstruímos imagens e experiências do passado. Nesta reconstrução, pudemos perceber que os sujeitos participantes constroem o grupo – identificações e organização grupal – e nele se constroem – formação e autoformação.

Pelos relatos, percebemos que as aprendizagens transcendem o que se chamaria de formação profissional, alcançando o conceito de formação, no sentido de desenvolvimento da pessoa adulta. Também é possível ler nessas representações alguns aspectos do imaginário construído por estes participantes: grupo-diversidade, grupo-afetivo, grupo-teórico, mostrando aspectos instituintes sobre um grupo e como este pode se configurar dentro de um espaço acadêmico.

O grupo estudado caracteriza-se como operativo, segundo a definição de Enrique J. Pichon-Rivière, por ser “um conjunto de pessoas com um objetivo comum”, que procuram abordar trabalhando em equipe (BLEGER, 1998, p. 59). No caso, o grupo pesquisado é operativo, centrado na aprendizagem.

A participação em um grupo pode se caracterizar como uma aprendizagem compartilhada, denominada, segundo (ISAIA E BOLZAN 2005, apud, ISAIA, 2008):

[...] é uma rede de relações envolvendo professores e estudantes, e que possibilite ação e reflexão conjuntas, bem como a negociação de conflitos e demandas específicas a cada um, de acordo com o seu processo formativo, levando-os ao aprender a aprender conjunto. (p. 628)

Este grupo, como um grupo voltado à formação de professores, implica processos formativos dos seus participantes, iniciados nos primeiros anos de escolarização e perpetuados ao longo da vida do sujeito. Portanto, percebemos que participar de um grupo proporciona aprendizagens que contribuem significativamente para a formação docente.

Ao realizar esta pesquisa, percebemos a importância do grupo como um dispositivo na formação de professores. Dispositivo entendido por nós como espaço que possibilita a experiência mobilizadora de saberes, representações instituídas e outras formas criativas de pensar as relações e a formação. O espaço grupal favorece a construção de um imaginário instituinte, quando os valores são (re)significados e múltiplas aprendizagens são possibilitadas.

## Referências

- ANZIEU, D. *El grupo y el inconsciente*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1978.
- BARREIRO, Cristhianny Bento. *Pesquisa-Formação: a construção de si na escuta do outro*. Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), 2009.
- BOSI, Ecléia. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BLEGER, José. *Temas de psicologia: entrevista e grupos*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- CASTILHO, Áurea. *A dinâmica do trabalho de grupo*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. *Revista Educação USP*, v. 23, n. 1-2, São Paulo, jan./dez. 1997.
- \_\_\_\_\_. Os conceitos de espaço, lugar e território nos processos analíticos da formação dos docentes universitários. In: *Educação Unisinos: Universidade do Vale do Rio dos Sinos*, n. 3, v. 12, p. 182-186, set./dez. 2008.
- \_\_\_\_\_, Maria Isabel; ISAIA, Silvia Maria de Aguiar. Professor da educação superior. In: MOROSINI, M. C. (Ed. Chefe). *Enciclopédia de Pedagogia Universitária*, v. 2, Glossário. Brasília: INEP/MEC, 2006.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de et al. Dispositivo de formação: vivências no espaço grupal.

FERREIRA, Nilda Tevês; EIZIRIK, Marisa Faermann. Educação e imaginário social: revendo a escola. In: *Em aberto*, Brasília, n. 61, p. 5-14, jan./mar. 1994.

FERRY, Gilles. *Le Trajet de la Formation: les enseignants entre la théorie et la pratique*. Paris: L'Harmattan, 2003.

\_\_\_\_\_. *Pedagogía de la formación*. Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas Y Material Didactico, 2004.

GAYOTTO, Maria Leonor Cunha (Org.). *Trabalho em grupo: ferramenta para mudança*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

ISAIA, Sílvia Maria de Aguiar. Aprendizagem docente: sua compreensão a partir das narrativas de professores. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 14., 2008, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: PUCRS, 2008.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MARQUES, Mario Osório. *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MINAYO, M. C. S. et al. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro, Vozes, 2007.

OSORIO, Luiz Carlos. *Psicologia grupal: uma nova disciplina para o advento de uma era*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de. Culturas e narrativas: atravessando paisagens e trajetórias formativas. In: PERES, Eliane et al. *Processos de ensinar e aprender: sujeitos, currículos e cultura: livro 3*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 679-697.

PICHON, RIVIÈRE, Enrique. *O processo grupal*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SCHALLER, Jean-Jacques. Lugares aprendentes e inteligência coletiva: rumo à constituição de um mundo comum. In: PASSEGGUI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino (Org.). *(Auto) Biografia: formação, territórios e saberes*. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

SOUTO, M.; BARBIER, J. M. y otros. *Grupos y dispositivos de formación*. Col. Formación de Formadores, n. 10. Buenos Aires. UBA-Novedades Educativas, 1999.

\_\_\_\_\_. *El carácter de "artificio"*. Del dispositivo pedagógico em la formación para el trabajo. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, 2007.

**Valeska Fortes de Oliveira**

Professora Titular do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Federal de Santa Maria, RS. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social (Gepeis). Pesquisadora CNPq. Orientadora da Pesquisa.

**Bruna de Almeida Flores**

Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social.

**Ionice da Silva Debus**

Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social.

**Marília Hartmann**

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social.

**Monique da Silva**

Pedagoga. Bolsista do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social.

*Recebido em 30 de abril de 2010*

*Aprovado em 4 de maio de 2010*